H. LEÃO VELLOSO

A TÉCNICA E A MATÉRIA NA ESCULTURA

Tese para o concurso da cadeira
de Escultura da Escola Nacional
de Belas Artes

RIO DE JANEIRO
1949

T/11
1949
ex. 2

H. LEÃO VELLOSO

A TÉCNICA E A MATÉRIA NA ESCULTURA

Tese para o concurso da cadeira de Escultura da Escola Nacional de Belas Artes

RIO DE JANEIRO
1949

T/11
1949
ex.2

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES
Biblioteca
918
12/XI/57

A TÉCNICA E A MATÉRIA NA ESCULTURA

A escultura é quase tão velha quanto a humanidade. Está ligada à sua vida pré-histórica. O homem da caverna gravou em baixo-relêvo rudimentar animais e cenas que o impressionavam. A escultura foi criada pela ânsia de dominar a matéria e dar-lhe a forma do mundo exterior. Reflete a história da humanidade e por seu intermédio podemos reconstruir o passado. A estatuária liga-se à cultura e à história dos povos e precedeu mesmo a linguagem escrita.

As mais antigas esculturas, verdadeiramente reconhecidas como arte, são as egípcias. É quase inacreditável como a antiguidade desta civilização ainda sobrevive e de cujas obras diz o poeta:

La masse indestructible a fatigué le temps.

A grandiosidade majestosa da arquitetura e da escultura dêste povo nos impressionam quando avultam as suas criações na imensidade sepulcral

dos desertos como longos braços estendidos, como apelos aos céus, como homens querendo chegar a Deus. O gigantesco das figuras caracteriza a escultura egípcia. Só o grande falava à alma daquele povo. A impressão da morte o dominava. A ânsia da eternidade o levou à arte ciclópica. Embalsamava os corpos como se quisesse sobrepujar o poder destruidor do tempo. Nunca os mortos foram tão glorificados.

Embora no Egito a escultura tenha atingido desenvolvimento tão extraordinário, foi, entretanto, na grande Grecia que ela atingiu a plenitude, onde, com o domínio da técnica e da matéria, foram criadas obras imortais que tanto se admiram. No ideal do belo e da perfeição nenhum povo a igualou. A harmonia e a serenidade das suas estátuas, na mansa quietude dos museus, ainda vibram com todo o calor em inegualáveis emoções estéticas. As imagens dos seus Deuses são a própria exaltação da beleza. No belo demonstravam a existência de suas divindades.

A magnífica arte helênica espalhou-se pelo mundo e conquistou Roma, que a conservou e a exaltou até a invasão dos bárbaros. Com a queda do Império Romano a arte se ofuscava e a civilização mergulhava na escuridão. Neste período desaparecia o paganismo absorvido pela nova religião que dominava os espíritos, prometendo-lhes outra vida depois da morte. Na sua concepção, a passagem do

homem pela terra era efêmera, só valia a vida da alma. O corpo devia ser mortificado, o paraíso representava o prêmio de uma existência de sacrifícios. Tudo que exaltasse a beleza do corpo e os prazeres da terra era uma ameaça às almas dos crentes. Os escultores das Venus e dos Apolos desapareceram, eram emissários do pecado, perturbavam os que sonhavam com a glória do céu. Na Idade Média a sensibilidade dos artistas vivia acorrentada, a sua arte era bem o reflexo daquele tempo: sofria as influências das idéias dominantes. A arte do paganismo não podia então medrar, sufocada pelas concepções da nova religião, que a considerava uma fonte de pecado. A arte, assim influenciada, teria que se apresentar deformada. A beleza e a graça das estátuas desapareceram. A nudez era pecado. A vida emotiva do artista vivia em permanente censura.

Para a glória do homem vem o Renascimento. É um novo mundo que desperta. A arte do passado ressuscita no esplendor de uma radiante aurora, reconduzindo os homens à beleza e aos encantos da terra. As emoções estéticas como brotos novos ressurgem e livres retornam à exaltação do belo. Uma nova compreensão e conhecimento técnico permitem que o próprio cristianismo fosse exaltado. Nas imagens do Cristo, nas figuras dos santos e nos milagres colhem os artistas inspirações que, plasmadas em suas obras, servem para a maior glória da

nova religião. O aprimoramento do estilo e das figuras, fixando estados de alma, transmite emoções até então desconhecidas. Desperta assim a arte no Renascimento, liberta das cadeias que oprimiam a sensibilidade. Os artistas inspiram-se nas idéias jorradas dos mananciais livres do pensamento. Ao mesmo tempo que afirmam a sua fé na exaltação do cristianismo, criam magníficas obras inspiradas na mitologia. Esta se torna o assunto predileto das artes plásticas com suas maravilhosas lendas cheias de encanto e poesia. Até hoje os escultores buscam nela motivos para suas concepções. Permite o nu que pode apresentar-se sem peias, na glorificação imortal do corpo humano. Dianas, Cupidos, Apolos, Nereidas, Pans, Venus, Centauros, Sereias e Tritões, num desfilar permanente, fazem vibrar a alma dos artistas, exaltando-lhes a imaginação. Nos artistas de hoje se nota uma inquietação profunda: domina-lhes o desejo de renovação. Êles vêm procurando processos mais perfeitos para transmitirem as vibrações das suas sensibilidades. Ao escultor não satisfaz a simples representação de uma figura, mas alguma cousa ainda: que traduza uma idéia. A técnica e a matéria na escultura devem conjugar-se de um modo harmônico dentro do conjunto emotivo da inspiração. Um material adequado à idéia e uma fatura especial são os elementos essenciais com que o escultor se valerá para encontrar um processo de renovação.

Pela forma o escultor eterniza as idéias. As suas obras nos monumentos, nos templos, no silêncio dos museus, ou mesmo nas ruinas, estão permanentemente irradiando a mensagem do seu criador. Morto ou ignorado a sua sensibilidade vive na linguagem universal da escultura.

* * *

A exigência da apresentção de tese para o preenchimento da cadeira de Escultura na Escola Nacional de Belas Artes, conduziu-me a um tema que julgo importante na estatuária, isto é, a influência que nela exercem as matérias e as faturas, que constituem a linguagem escultórica, como as palavras e as rimas, a linguagem poética.

O estilo revela a maneira pessoal do escultor. A fatura é o processo pelo qual êle trata a matéria. Ambos se aproximam, são quase sinônimos, mas cada qual possue características próprias, que os tornam diferentes.

No estilo revela o escultor a sua feição especial no transmitir as emoções plásticas. A maneira de dispor as figuras, as atitudes destas na distribuição das massas, em tudo deixa um traço inconfundível. A individualidade do escultor se manifesta em suas obras como na escrita a caligrafia de cada um.

O estilo é perdurável porque reflete a personalidade do criador. A fatura, que é o processo de

tratar a matéria, deve ser variável obedecendo à natureza do assunto. É um dos elementos utilizados para efeitos plásticos. Noto que muitos escultores, julgando conservar a sua individualidade, mantêm uma só técnica para todos os assuntos. Discordo dêste princípio. O artista não conseguirá transmitir totalmente sua emoção adotando um processo único de execução. Fatura e matéria próprias a cada assunto permitem representar, com mais fidelidade, em formas materiais, as concepções do artista.

Sendo assim, entre a escultura monumental e a escultura sacra, por exemplo, deve haver diferença no trato das superfícies e na disposição das massas.

O sentido heróico e o sentido místico mantêm o artista em estados de alma diferentes, logo a maneira de expressá-los deve variar. O primeiro, majestoso, como se quisesse afirmar a presunção do homem em ser grande e eterno; o segundo, contrito, humilde, de joelhos diante dos mistérios do universo.

Na criação da escultura monumental há certa analogia com a composição da música de orquestra. Ambas, pela sua grandiosidade, exigem grandes espaços. Talhos profundos, com arestas bem marcadas, superfícies ásperas, plasmadas violentamente, o gigantesco das figuras, todos êstes efeitos apresentados à luz do sol são os recursos da escultura para

traduzir a idéia do monumental, da mesma forma que o compositor se utiliza de determinados instrumentos de grande ressonância, cujo fragor rebôa transmitindo a grandeza da orquestração. Já na música de câmera êle se serve de instrumentos brandos, exigidos pelos ambientes limitados. Também assim na escultura, para pequenos espaços, o artista terá que realizar a sua obra com linhas suaves, toques leves e apuro de minúcias, como maneira mais acertada para conseguir o máximo de interêsse.

Na arte religiosa a sensibilidade dos artistas influenciada pelas cousas divinas deve manifestar-se de maneira especial, a fim de transmitir a elevação da vida subjetiva e as emoções que provocam as idéias sagradas. Para estas concepções é indispensável a escolha de material adequado à fatura, com o qual se possa conseguir cambiantes suavíssimos, contornos imprecisos, quase sem arestas, que, juntamente com as atitudes serenas das figuras, traduzam com felicidade pensamentos místicos e afirmações de fé.

Assim se revela, de certo modo, o próprio estado emotivo do homem diante dos grandes mistérios da religião. A alma, o sentimento religioso, a idéia do divino, vivem na maioria das criaturas sob forma imprecisa. Dêste modo, o escultor para realizar a missão sublime de fixar no mármore as emoções que emanam das figuras dos santos, só conse-

guirá esta impressão de sublimidade se as reproduzir como vivem no seu espírito.

Não sòmente as idéias subjetivas como também a natureza física de cada modêlo exigem faturas especiais. No retrato da criança, da moça, da mulher e do velho, cada uma dessas figuras deve ser apresentada de maneira própria. Para serem fielmente transmitidas exigem do artista faturas adequadas, que mais acertadamente reproduzam a imagem do retratado. A delicadeza da epiderme de uma criança, a doçura dos seus traços requerem material e certa fatura favoráveis à execução do modêlo infantil. Entretanto, o contraste que oferece a pele do velho permite ao escultor encontrar na superfície porosa, cheia de sulcos, a impressão das rugas deixadas pelo tempo.

Na arte de esculpir hà verdadeiros pequenos segredos, frutos do espírito inventivo do homem, com os quais o escultor pode governar a matéria com tamanha maestria, a ponto de obter até efeitos de côr utilizando sòmente luz e sombra.

A pupila, sendo côr e não forma, limitaria consideràvelmente o escultor no campo da expressão fisionômica, se êste não contornasse a dificuldade, recorrendo ao truque de perfurar os olhos, indicando desta forma a direção do olhar. Sendo êste o traço principal da fisionomia, que reflete a própria alma, o escultor pode com o processo descrito, dar vida às suas criações. Para alcançar êste objetivo os anti-

gos recorriam até à pintura. No apuro de colher uma impressão realista, o escultor conseguirá maior fidelidade, graduando esta pequena escavação. Por êste processo regula a intensidade das sombras, com as quais alcançará a impressão de olhos escuros ou claros, como também pode dar a sensação de cabelos brancos ou louros, acentuando os escuros das massas, e, usando profundos traços, obterá o efeito de cabelos escuros. Todo êste requinte no trato da superfície da matéria pode ser muito sutil para o leigo, porém é uma riqueza de recursos do escultor que, nos limites em que o aprisiona a matéria, pode traduzir e transferir emoções, que são a vida, o destino das obras de arte.

O interêsse que possa existir nesta tese consiste no estudo de um processo que muitos escultores instintivamente praticam, sem contudo tirar o máximo proveito com o qual obteriam maior poder de expressão.

Fialho d'Almeida inicia o seu livro "A Esquina" com a autobiografia, onde há uma passagem cujas idéias aplicadas na arte de escrever muito se assemelham com as que aqui defendo com relação à escultura. Assim se exprime o escritor português:

"Um dos verdadeiros predicados do escritor é saber êle destrinçar, na variedade de tantos milhares de formas literárias, qual seja própria para exprimir fielmente um certo assunto. Latino Coelho, a quando folhetinista, não sei onde, teve o mau sestro de

tratar em períodos largos, estilo d'elogio histórico, os sucessos humorísticos ou chalros da semana, e não se imagina o desastre que isso foi! Conhecem uma narração de viagem, de Herculano, à volta do exílio, que vem, me parece, nas LENDAS E NARRATIVAS? Por qui, por lem, tenta o escritor ferir seus pontos de humorismo, mas o estilo duro do historiador contrae-lhe o ricto da boca em carantonha, e a gente cuida ver um mastodonte a detalhar *couplets* velhacos da Judic. Ter o estilo próprio dos seus assuntos é achar para cada gênero de literatura uma prosódia própria e uma sintaxe; o estilo desarticulado e curto para as narrativas contemporâneas: o estilo colante, sóbrio, mas orquestral, para as narrativas d'assunto antigo, onde o efeito reside na erudição da côr e na pompa silabar; o estilo límpido e leve para os descritivos de paisagem; gradativo e largo nos elogios dos grandes homens; cortado em ziguezague, aberto ao ar, para os assuntos humorísticos; e para os de sátira silvando entre imprecações e gargalhadas".

Como se vê, Fialho d'Almeida para o primor de uma obra literária aconselha um estilo para cada assunto.

Já o escultor, além do estilo, e de uma fatura própria, necessita de material adequado, que em conjunto se harmonizem e ampliem os recursos da sua arte. No sentido de aprimorar as suas criações pode o escultor com o emprêgo de determinadas

matérias encontrar soluções próprias capazes de aumentar o poder de expressão das suas obras.

Assim, impõe-se a escolha do material, que deve ser de acôrdo com a natureza do assunto, oferecendo a capacidade plástica que o escultor necessita para sua realização.

Muitos são os materiais empregados na escultura. Há três cujo uso é tradicional: o granito, o bronze e o mármore.

O granito é, por excelência, o mais apropriado à escultura monumental e à ciclópica. Pela solidez e porosidade da superfície pede talhes vigorosos, exige grandes massas e simplificação de planos, reclama vastos ambientes e ausência de minúcias. É o material para os feitos heróicos, para os episódios épicos. A impressão de sua força parece desafiar a eternidade. A resistência e o efeito da luz na sua superfície ressaltam-lhes as magníficas qualidades para as grandes realizações.

O bronze se presta a determinadas soluções, como as das estátuas eqüestres e de certas figuras, cujas pernas devem ficar prêsas ao solo, isoladas, sem outro ponto de apoio, exigido pelo mármore e o granito. Oferece a possibilidade de variar a fatura, serve para diversos assuntos, desde o monumental até o do mais delicado lavor. Seu campo é vasto para a sensibilidade do artista. Dos três materiais referidos é o que mais facilmente admite a

execução e a variedade de técnicas que coadunem com a natureza da obra.

O mármore o supera em certas esculturas, onde a influência do modelado exige execução primorosa.

As idéias ou impressões suaves do artista podem ser plasmadas com felicidade nesta extraordinária matéria. Os sentimentos e as profundas emoções de sua sensibilidade víbram nesta pedra encantada. Ela é e será sempre a obsessão dos escultores. Traduz bem idéias vagas e a natureza de certas imagens, que vivem em nós em forma imprecisa: são nossos próprios sonhos.

O poder de gerar emoções em tôdas as obras de arte depende da capacidade receptiva do ouvinte, do leitor ou do observador. Dêste modo a força de expressão do artista é proporcional à reação de cada apreciador. Quando um músico compõe uma frase musical, quando um poeta cria uma imagem, quando um escultor plasma uma forma, a intensidade de cada uma destas manifestações corresponde ao gráu da sensibilidade de quem recebe a mensagem. Sendo assim, a vida da criação artística está ligada à capacidade emotiva dos homens.